

Obstáculos, tensionamentos e disputas: reflexões sobre a inserção e permanência das mulheres no voleibol

George Almeida Lima¹

Júlia Távora Ferreira²

Mari Anne Beatriz Alencar Gomes³

Wanessa de Souza Barreto⁴

Maria Eduarda Honorato Figueiredo⁵

Laís Vitória de Souza⁶

Letícia Alves Vieira⁷

Maria Isabella Pereira de Sousa⁸

Resumo:

Este estudo objetiva compreender as percepções das mulheres sobre sua participação na prática do voleibol no município de Campos Sales/CE. Este estudo, de caráter qualitativo, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas enquanto recurso para a coleta de dados. Participaram deste estudo, quatro praticantes de voleibol de uma equipe amadora do município de Campos Sales, CE. Os dados foram analisados a partir da análise temática, em que foram construídas, *a posteriori*, duas categorias analíticas: (i) Inserção e permanência no vôlei e (ii) obstáculos para a prática do vôlei. Os resultados apontam que as mulheres possuem barreiras sociais específicas como: (i) objetificação corporal, (ii) desvalorização das suas capacidades técnicas e táticas de jogo, (iii) silenciamento das mulheres, em que seus discursos não são considerados e (iv) as mulheres são alvo de constantes brincadeiras que desvalorizam sua capacidade atlética. A dinâmica vivenciada pelas mulheres faz com que elas possam incorporar uma percepção de que não são tão capazes quanto os homens de se apropriar, de maneira efetiva, da prática do voleibol. Conclui-se que o empoderamento feminino deve ser um

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. E-mail: george_almeida.lima@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0899-0427>

² Aluna do Ensino Médio da Escola Professora Maria Dolores Arrais. E-mail: julia.ferreira41@aluno.ce.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1550-6278>

³ Aluna do Ensino Médio da Escola Professora Maria Dolores Arrais. E-mail: mari.gomes@aluno.ce.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3018-6699>

⁴ Aluna do Ensino Médio da Escola Professora Maria Dolores Arrais. E-mail: wanessa.barreto@aluno.ce.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3453-5572>

⁵ Aluna do Ensino Médio da Escola Professora Maria Dolores Arrais. E-mail: maria.figueiredo39@aluno.ce.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4758-1306>

⁶ Aluna do Ensino Médio da Escola Professora Maria Dolores Arrais. E-mail: lais.sousa19@aluno.ce.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1778-0273>

⁷ Aluna do Ensino Médio da Escola Professora Maria Dolores Arrais. E-mail: leticia.vieira22@aluno.ce.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2578-0674>

⁸ Aluna do Ensino Médio da Escola Professora Maria Dolores Arrais. E-mail: maria.sousa4663@aluno.ce.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9843-8800>

elemento basilar na luta contra estereótipos e preconceitos, fazendo com que as mulheres tensionem as bases hegemônicas de poder.

Palavras-chave:

Gênero. Vôlei. Sexualidade. Esporte. Práticas corporais.

Obstacles, tensions and disputes: reflections on the inclusion and permanence of women in volleyball

Abstract: This study aims to understand women's perceptions about their participation in volleyball in the city of Campos Sales/CE. This qualitative study used semi-structured interviews as a resource for data collection. Four volleyball players from an amateur team from the city of Campos Sales, CE participated in this study. The data were analyzed using thematic analysis, in which two analytical categories were constructed a posteriori: (i) Insertion and permanence in volleyball and (ii) obstacles to the practice of volleyball. The results indicate that women face specific social barriers such as: (i) body objectification, (ii) devaluation of technical and tactical game skills, (iii) silencing of women, in which their speeches are not considered and (iv) women are the target of constant jokes that devalue their athletic ability. The dynamics experienced by women make them perceive that they are not as capable as men of effectively taking ownership of the practice of volleyball. It is concluded that female empowerment should be a fundamental element in the fight against stereotypes and prejudices, making women challenge the hegemonic bases of power.

Keywords: Gender. Volleyball. Sexuality. Sport. Body practices.

Obstáculos, tensiones y disputas: reflexiones sobre la inserción y permanencia de las mujeres en el voleibol

Resumen: Este estudio tiene como objetivo comprender las percepciones de las mujeres sobre su participación en el voleibol en el municipio de Campos Sales/CE. Este estudio cualitativo utilizó entrevistas semiestructuradas como recurso para la recolección de datos. En este estudio participaron cuatro jugadores de voleibol de un equipo amateur de la ciudad de Campos Sales, CE. Los datos fueron analizados mediante análisis temático, en el que se construyeron a posteriori dos categorías analíticas: (i) Inserción y permanencia en el voleibol y (ii) obstáculos para la práctica del voleibol. Los resultados indican que las mujeres presentan barreras sociales específicas como: (i) cosificación del cuerpo, (ii) devaluación de las capacidades técnicas y tácticas de juego, (iii) silenciamiento de las mujeres, en el que sus discursos no son considerados y (iv) las mujeres son blanco de constantes bromas que devalúan su capacidad atlética. La dinámica experimentada por las mujeres significa que pueden incorporar la percepción de que no son tan capaces como los hombres para apropiarse efectivamente de la práctica del voleibol. Se concluye que el empoderamiento femenino debe ser un elemento fundamental en la lucha contra los estereotipos y prejuicios, que hacen que las mujeres tensen las bases hegemónicas del poder.

Palabras clave: Género. Voleibol. Sexualidad. Deporte. Prácticas corporales.

1 Introdução

As relações de poder, segundo Elias (1994), circunscrevem-se a partir das interações sociais entre indivíduos e grupos, mediante as teias de interdependência estabelecidas nas práticas sociais. O monopólio dos diferentes núcleos de poder desequilibra as relações sociais, dessa forma, o poder se estabelece quando se despontam grupos ou indivíduos que “podem reter ou monopolizar aquilo que outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros” (ELIAS, 1994, p. 53).

Essas relações de poder também são perceptíveis nas relações de gênero. As mulheres enfrentam diversas dificuldades e preconceitos por serem compreendidas como inferiores aos homens, suas ações são desvalorizadas nos diversos campos sociais, como o universo político, cultural, social e econômico. Dessa forma, elas são direcionadas a terem os comportamentos vigiados e restringidos pelo sistema patriarcal vigente (YOUNG, 1980). No campo esportivo a situação não se difere, pois além de serem diariamente criticadas e desvalorizadas, têm que lidar com os comentários desmotivadores e com situações que levam à sexualização e à objetificação dos corpos das mulheres dentro dos esportes.

Um elemento que reforçou a dicotomia no acesso e permanência das mulheres nas práticas corporais no Brasil foi a elaboração do decreto-lei de número 31/99 (BRASIL, 1941), que proibia a participação de mulheres em atividades corporais consideradas violentas. Esse documento ficou vigente até 1979, impactando negativamente na inserção e na permanência das mulheres nas práticas corporais (MOURÃO, 2000). Nesta seara, destacamos que esse processo reforçou os estigmas e preconceitos contra as mulheres, que além de precisarem apresentar seu desempenho esportivo de forma satisfatória, elas têm seu comportamento regulado pela feminilidade normativa, em que as mulheres precisam apresentar comportamentos que exaltem a delicadeza e os padrões de beleza (LIMA *et al.*, 2024).

Desse modo, a postura conservadora, ponderada por aspectos religiosos e pelas memórias de um passado cujas representações pautaram-se na colonização e na dominação das mulheres (COLLINS, 2011), perpetuou o ideal da hegemonia masculina, regrada na suposta superioridade masculina a partir de caracterizações ligadas a representações do homem competidor, guerreiro e viril. Esse processo impeliu uma busca pela “aceitação, amplamente encontrada na sociedade ocidental, de que os homens têm ‘direitos’ à autoridade, e, portanto, é natural que os homens estejam sobre-representados em posições de liderança” (WALKER; BOPP, 2011, p. 52-53).

Considerando que as vivências das mulheres dentro do campo esportivo são permeadas por tensões e disputas de poder (ADELMAN, 2006), as alunas da escola Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Professora Maria Dolores Arrais, juntamente com um professor orientador, produziram este artigo, trazendo a perspectiva de alunas praticantes de voleibol no município de Campos Sales/CE. Desse modo, buscou-se abordar os desafios de ser uma mulher e se inserir dentro de um campo predominantemente masculinizado, que é o universo esportivo. Dessa forma, levantamos nosso posicionamento político ao buscar tensionar as estruturas hegemônicas vigentes, mostrando a importância e os desafios da inserção das mulheres nas práticas esportivas, especificamente no campo do voleibol.

Esta construção política emerge de um posicionamento crítico e reflexivo de mulheres que sentem na pele os estereótipos do sistema hegemônico que se inclina em favor

da padronização de comportamentos. A motivação para a escolha da temática surgiu a partir do número de mulheres praticantes de vôlei na referida escola, que se revelam nos interclasses e demais atividades pedagógicas, mas que também se inserem em equipes amadoras de vôlei, chegando a participar de competições. Essas mulheres buscam transpor as adversidades enfrentadas ao se posicionarem na sociedade como mulheres atletas. Partindo dessa perspectiva, surge a necessidade de produzir este artigo para proporcionar uma representatividade das mulheres, para que elas possam discutir e tensionar os problemas vivenciados pelas mulheres atletas e dar uma maior visibilidade para suas falas, vivências e reflexões.

Esta pesquisa faz-se necessária para expor problemáticas silenciadas pelas ordens hegemônicas de poder, proporcionando um espaço em que as mulheres possam expressar as adversidades vivenciadas no campo esportivo, e com isso transformar as queixas e os desabafos em informações importantes para compreender como a sociedade contemporânea se comporta diante da presença das mulheres nos espaços esportivos. Diante disso, evidenciam-se diversas questões que devem ser debatidas para promover uma maior valorização das mulheres no campo esportivo. A partir do exposto, destaca-se que este estudo teve como objetivo compreender as percepções das mulheres sobre sua participação na prática do voleibol no município de Campos Sales/CE.

2 Procedimentos metodológicos

Este estudo, de caráter qualitativo, considera os pressupostos interpretativos e reflexivos de indivíduos e grupos sociais. Desse modo, a pesquisa qualitativa permite a compreensão dos processos e dinâmicas socioculturais, possibilitando a interpretação de códigos e signos provenientes das experiências e das subjetividades dos agentes sociais (GIL, 2008).

Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, que se configura como um recurso flexível, possibilitando que novos questionamentos possam ser realizados a partir do roteiro pré-estabelecido pelos pesquisadores e pesquisadoras (MOURA, 2021). Desse modo, a entrevista semiestruturada possibilita um maior aprofundamento nos questionamentos e nas reflexões das participantes (MOURA, 2021).

Atendendo ao que Manzini (2012) preconiza, o roteiro da entrevista semiestruturada foi elaborado pelas pesquisadoras e pelo pesquisador e aplicado previamente a alunas da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral de Campos Sales, com vistas a identificar possíveis fragilidades no roteiro. Após esse momento, a entrevista semiestruturada foi aplicada às participantes do estudo, que foram quatro alunas da referida escola, que participam de uma equipe amadora de vôlei.

As participantes foram identificadas pela sua proatividade na participação dos interclasses, enquanto praticantes de vôlei, e a partir de suas contribuições na organização dos eventos escolares. As entrevistas aconteceram no período de março a abril de 2024 na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral de Campos Sales, no período matutino. Os critérios de inclusão foram: (i) serem praticantes de vôlei; (ii) participarem de equipes amadoras ou profissionais de vôlei e (iii) estudarem na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral de Campos Sales. Foi critério de exclusão: (i) se recusar a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fato que não aconteceu.

As entrevistas foram transcritas e inseridas em uma planilha analítica no programa *Microsoft Word*. Em seguida, os resultados foram analisados a partir da análise temática, configurando-se em seis etapas específicas: (i) familiarização dos dados, (ii) geração de códigos iniciais, (iii) busca por temas, (iv) revisão dos temas, (v) definição e denominação dos temas e (vi) produção do relatório final. A utilização desse tipo de análise se configura pela sua capacidade de interpretar temas em conjuntos textuais (BRAUN; CLARKE, 2006). A partir da análise dos dados, foram construídas, *a posteriori*, duas categorias analíticas: (i) Inserção e permanência no vôlei e (ii) obstáculos para a prática do vôlei. Foram utilizados os pseudônimos Atena, Deméter, Ártemis e Hera para se referir às atletas. O quadro 01 apresenta informações das participantes.

Quadro 01 - informações das participantes.

Nome	Idade	Tempo de prática	Quantidade de eventos escolares que participou	Quantidade de eventos extra escolares que participou	Posição
Atena	18	02 anos	08	09	Central
Deméter	17	02 anos	06	11	Central
Ártemis	17	02 anos	05	12	Líbero
Hera	17	02 anos	06	02	Líbero

Fonte: dados da pesquisa (2024)

Esta pesquisa atendeu aos requisitos da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, na qual é regulamentada a pesquisa com seres humanos. O pesquisador e as pesquisadoras comprometeram-se a preservar a identidade das participantes envolvidas na pesquisa, bem como manter as informações em anonimato. O nome de todas as pessoas que participaram da pesquisa não foi divulgado.

3 Resultados e discussão

3.1 Inserção e permanência no vôlei

Esta categoria busca apresentar o processo de inserção e permanência das participantes na prática do vôlei, considerando aspectos relacionados à influência que tiveram para essa inserção e como conheceram a modalidade. O primeiro questionamento busca compreender qual o primeiro contato das participantes com o vôlei.

Eu sempre assistia vôlei na televisão quando era criança, mas não sabia nada sobre o esporte (ATENA).

Minha mãe jogava vôlei e quando eu era criança, todo fim de semana ia com minha mãe para a quadra (DEMÉTER).

Uma amiga minha começou a praticar e me convidou para acompanhá-la nos treinos, aí me surgiu um interesse pelo esporte (ÁRTEMIS).

Quando eu era criança, todo fim de semana ia com minha mãe ao clube da cidade e ao ver as pessoas jogando na quadra, me despertou um interesse no esporte (HERA).

Das quatro participantes, três inseriram-se no vôlei a partir de influências de mulheres. Nesse contexto, pode-se compreender que as relações de gênero entre as mulheres configuram-se como um elemento coesivo que fundamenta a inserção das alunas no vôlei. Esse fato pode desencadear maior segurança às participantes, facilitando sua adesão às práticas corporais, em que através dessas figuras femininas, surge um sentimento de segurança e acolhimento. Nesse caso, embora haja distintas formas de apropriação da feminilidade (CONNELL, 2016), percebe-se que existe certa homogeneidade nas relações apresentadas, em que o gênero é um aspecto que gera um fortalecimento das relações das mulheres.

A partir dos relatos dessas jovens, também percebemos que a interação entre elas e a família exerce um papel importante ao impulsionar o interesse das participantes na prática do vôlei, tendo em vista que Deméter e Hera tiveram a família como estímulo inicial à prática do vôlei. Desse modo, a família desempenha uma importante função para inserção das alunas, pois com apoio familiar, elas podem se sentir mais motivadas a permanecerem nesta prática. Com efeito comparativo, Lima *et al.* (2023) destacam que quando as mulheres não tem o apoio familiar para a participação nas práticas corporais, precisam realizar maiores esforços para que possam se inserir e se manter ativas nas práticas corporais, pois além dos estereótipos sofridos por participantes homens, têm que lidar com a resistência da própria família.

Destarte, Schwartz *et al.* (2016) buscaram compreender as motivações para a inserção das mulheres nas práticas corporais de aventura. A autoria destaca que das 16 mulheres participantes do estudo, 53,8% iniciou nessas práticas por influência da família, o que demonstra a importância do apoio familiar para a inserção e permanência das mulheres nas práticas corporais. Com reforço, Adelman (2006) corrobora com o exposto ao destacar que a aceitação da família à prática esportiva é um elemento que contribui para a inserção e permanência das mulheres no esporte.

Uma das participantes destacou a mídia como primeira influência sobre o esporte. Nessa perspectiva, os recursos midiáticos apresentam-se como interceptores à disseminação de informações acerca do vôlei feminino. Todavia, deve-se refletir criticamente sobre as influências midiáticas na construção das subjetividades das participantes, pois a mídia, segundo Garcia e Pereira (2022, p. 8-9), apresenta “um tratamento diferenciado entre a representação de homens e mulheres: quanto aos primeiros, vendem um espaço de força, virilidade [...] às mulheres, existe um apelo estético e sexual ao corpo das jogadoras, enaltecendo sua beleza física”.

O segundo questionamento considerou o início da prática das participantes no vôlei. Desse modo, foi questionado: como foi sua primeira participação no vôlei e por que começou a praticar essa modalidade?

Meu primo me ensinou o básico na cidade em que eu morava, aí quando vim morar em Campos Sales, entrei em um time. Comecei a praticar por questões de saúde e de entretenimento (ATENA).

Minha mãe jogava no time, e como eu sempre a acompanhava, comecei a jogar também. Além de gostar muito de jogar, o vôlei me ajuda nas questões relacionadas à saúde, tanto física como psicológica (DEMÉTER).

Eu participei de um treino experimental e desse dia em diante eu ingressei no time e comecei a jogar de forma mais séria. O vôlei é uma forma de

relaxar das pressões e também ajuda no condicionamento físico (ÁRTEMIS).

Eu conheci uma amiga que praticava vôlei, e desde então pedia para ela me ensinar como jogar e logo após entrei em um time local. Após eu entrar no time, comecei a levar isso como algo sério na minha vida, que exigiria mais responsabilidade (HERA).

Deméter e Ártemis adentraram nessa atividade através de oportunidades em times locais. Desse modo, percebe-se que esses times podem contribuir para o aumento de participantes. O incentivo para as práticas desportivas, direcionadas por treinadores que oportunizam, de forma gratuita, o desenvolvimento de aulas planejadas com o foco em aprimorar as habilidades esportivas e a inclusão das mulheres, contribui para a inserção das mulheres no vôlei. Ao que parece, as equipes de vôlei do município de Campos Sales/CE parecem estar abertas à inclusão de mulheres participantes.

Ao analisar as respostas das alunas, fica evidente que a prática contínua do voleibol apresenta múltiplos benefícios, tais como uma melhora na saúde física, como por exemplo um aumento significativo do condicionamento físico e a diminuição das taxas de sedentarismo. Nesta seara, o vôlei ainda contribui em diversos benefícios com relação à saúde psicológica, proporcionando um ambiente para relaxar das pressões da rotina do dia a dia.

De acordo com os resultados apresentados, evidencia-se que a atividade favorece, de maneira positiva, a aproximação de jovens mulheres no campo do vôlei por meio da prática de lazer. Nesse contexto, é perceptível a influência das crianças e adolescentes através do entretenimento gerado por jogos e campeonatos, gerando assim um contato direto com o vôlei desde cedo, instigando sua permanência no âmbito esportivo.

O terceiro questionamento buscou compreender os impactos da escola para a inserção e permanência das jovens mulheres no vôlei. Nesse sentido, questionamos: qual o impacto da escola para a inserção e permanência das mulheres no vôlei?

A escola pode contribuir com o desenvolvimento do interclasse, por que coloca o vôlei em evidencia. Mas muitas meninas não querem participar do interclasse, por que tem medo de errar (ATENA).

A escola não dá muita ênfase para o vôlei, por que outras modalidades esportivas são desenvolvidas. A escola também não tem uma estrutura física que propicie o desenvolvimento do vôlei, o que dificulta a inserção dessa prática (DEMÉTER).

A escola apresenta, nas aulas de educação física, as teorias, a história e o desenvolvimento do vôlei, o que pode trazer impactos positivos, como o conhecimento do vôlei enquanto prática corporal (ÁRTEMIS)

A escola possui poucas aulas de educação física e o vôlei não é trabalhado de maneira profunda, para que as alunas possam aprender a jogar e sejam motivadas a praticar essa modalidade (HERA)

As participantes apresentam distintas reflexões sobre os impactos da escola na inserção e na participação das mulheres na prática do vôlei. Deméter e Hera apontam aspectos que impactam negativamente, como a baixa estrutura física da escola e a pouca carga horária das aulas de educação física, que no contexto analisado, possui apenas uma

aula semanal. Nesse sentido, podemos questionar: como a educação física escolar pode tematizar tantas práticas corporais com uma carga horária de aulas tão baixa? Desse modo, as poucas aulas de educação física podem diminuir as possibilidades de atividades a serem tematizadas e o aprofundamento necessário em temas específicos, como o vôlei. Molina Neto (2023) também destaca que a reforma do ensino médio, disposta pela Lei federal nº 13.415/2017, impacta negativamente o componente curricular da educação física, reforçando a redução de sua carga horária.

No que concerne à estrutura física da escola, Deméter aponta que existem *déficits* estruturais que impactam negativamente na tematização do vôlei nas aulas de educação física, solidificando que os professores e professoras de educação física “precisam usar sua criatividade”, que muitas vezes é utilizada como pano de fundo para mascarar a precariedade dos espaços e materiais pedagógicos disponíveis para o trabalho docente (TARGINO; LIMA; MOURA, 2024).

Atena e Ártemis destacam que a escola apresenta elementos relevantes para a inserção e participação das alunas na prática do vôlei. O primeiro recurso é a prática do interclasse, que envolve os alunos e alunas de toda a escola em uma competição de vôlei entre as turmas. O segundo recurso são as próprias aulas de educação física, que mesmo não contando com espaços adequados, permite o desenvolvimento de discussões e reflexões ligadas aos aspectos técnicos, como regras e fundamentos e elementos ligados às atitudes que os alunos e alunas precisam possuir durante a prática.

3.2 Obstáculos para a prática do vôlei

Esta categoria busca apresentar os tensionamentos e problemáticas que impactam as praticantes de vôlei no município de Campos Sales/CE. A primeira pergunta desta categoria busca compreender os problemas que acontecem nos treinos e jogos de vôlei.

Quando temos que fazer um jogo misto (mulher e homem), existe uma exclusão por parte dos jogadores homens e quando acontece um erro ou falha das mulheres ocorre sempre um menosprezo por parte deles (ATENA).

Para mim, o problema maior é sofrer uma grande pressão por parte da plateia na arquibancada, que muitas vezes acaba atrapalhando o rendimento na partida (DEMÉTER).

Quando o campeonato é organizado por um time masculino e o time feminino é chamado, não somos incluídas da forma devida, estamos ali só para chamar atenção, não é considerado um jogo sério (ÁRTEMIS).

É muito difícil essas questões de pressão por conta que afeta o rendimento no jogo, pois gera um certo desconforto que atrapalha na concentração e empenho na conquista pela vitória (HERA).

A partir da análise dos dados, destaca-se que as participantes apresentam elementos que impactam negativamente na sua participação no vôlei. Esse fato acontece por que o sistema patriarcal vigente limita a participação e o desenvolvimento das mulheres no campo esportivo e social, taxando-as como inferiores aos homens nas práticas esportivas, como

podemos ver nos relatos das entrevistadas, em que muitas delas afirmam ter sido impactadas diretamente pelo preconceito dentro do âmbito esportivo.

Seguindo nessa linha de raciocínio, a pressão social sofrida pelas mulheres dentro do voleibol decorre de uma generalização implementada pela sociedade. Elas são vistas não apenas pelo seu desenvolvimento dentro do esporte, mas também por questões estéticas, sendo subjugadas pelos seus atributos físicos e vistas, em muitos casos, de uma maneira machista e misógina dentro do cenário patriarcal ao qual elas estão submetidas. Roth e Basow (2004) destacam que essa percepção é fruto de uma construção social mais ampla, que considera influências do campo econômico, político e social.

O segundo questionamento desta categoria busca compreender quais os preconceitos que as participantes já sofreram ao praticar vôlei.

Não, nunca fui afetada diretamente, mas já vi casos de homens fazendo piadas com algumas colegas, como se o rendimento delas fosse inferior (ATENA).

Sim, quando temos que jogar contra o time masculinos, eles pegam "leve" por nos acharem fracas (DEMÉTER).

Quando eu vou para o clube jogar com pessoas de outros times, eles me subestimam muito achando que eu não sou capaz de jogar tanto quanto eles, por questões de gênero e questões de altura (ÁRTEMIS).

Sim, muitas vezes eles não levam o jogo a sério, apenas "brincam" com a gente para gerar entretenimento e tomar tempo (HERA).

Três participantes se sentem incomodadas com o fato de serem compreendidas como atletas que não podem produzir altas *performances* dentro do jogo. Esse elemento acontece, em maior escala, quando elas participam de atividades com homens. Nesse sentido, atributos físicos, como destaca Ártemis, ao relatar sobre sua baixa estatura, também são elementos que as fragilizam, na percepção dos demais participantes.

À vista disso, podemos questionar: outros homens dentro deste grupo também são estigmatizados em relação a sua *performance*? Ao refletirmos sobre esse questionamento, aponta-se que as participantes não relataram nenhum estigma dos homens entre si. As dúvidas em relação a *performance* recaem apenas sobre as mulheres, o que nos faz compreender que existe uma determinada hierarquia nas relações de gênero dentro do universo investigado.

Segundo Romariz, Votre e Mourão (2012), no Brasil, homens e mulheres possuem diferentes níveis de inserção e acessibilidade à prática desportiva, inclinando-se em favor dos homens. Esse fato corrobora com os resultados encontrados, em que embora as mulheres participem das atividades, elas são alvo de fatores que podem desmotivá-las, como o questionamento de sua *performance* esportiva.

No mesmo sentido, Campos, Vigário e Lürdorf (2011) realizaram uma comparação entre a motivação de meninos e meninas para a prática do vôlei. Constatou-se que os meninos apresentaram maiores níveis de motivações relacionadas ao condicionamento físico, liberação de energia, aperfeiçoamento técnico, afiliação e contexto. As meninas apresentaram maiores níveis de motivações relacionadas ao *status* e à saúde. Essas diferenças podem estar ligadas à aceitação dos indivíduos dentro dos grupos e à acessibilidade às práticas corporais.

O terceiro questionamento desta categoria buscou compreender se as participantes buscaram, de alguma maneira, modificar as estruturas hierárquicas vigentes no vôlei.

Sim, já procurei conversar e apresentar problemas que me incomodam, na tentativa de melhorar de alguma forma essa situação, mas na maioria das vezes o caso é abafado (ATENA).

Não, tenho a impressão de que se eu fosse falar eu não seria ouvida e de alguma forma pioraria a situação (DEMÉTER).

Não, pois como eu não tenho influência por ser apenas uma jogadora, eu não me sinto segura de falar sobre essas questões (ÁRTEMIS).

Não, pois não acho que tenho capacidade de realmente mudar essa realidade (HERA).

Ao analisarmos as falas das atletas, podemos observar que ambas se sentem invisibilizadas para levantar questões relacionadas ao preconceito vivenciado dentro dos times, visto que suas opiniões não são levadas em consideração. Nesse sentido, tendo em vista a hierarquia sobre os gêneros, as mulheres, por estarem em um ambiente de predominância masculina onde, conseqüentemente, os homens vão se apoiar, acabam se sentindo enfraquecidas para demonstrar suas percepções.

Uma das participantes (Atena) relata ter tentado apresentar o problema, mas o caso foi “abafado” e sua perspectiva foi silenciada e posta sobre a margem, trazendo em vista que existe um descaso em relação aos problemas apresentados por elas, descaso esse que decorre da omissão sofrida pelas atletas dentro do âmbito esportivo. Dentro desse contexto, Goellner (2021) reforça que as mulheres são compreendidas como pessoas submissas às percepções e ideologias masculinas, gerando um mecanismo que enfraquece as mulheres e as tornam objetos dentro dos universos sociais.

O quarto questionamento buscou compreender as percepções das participantes sobre aspectos relacionados à objetificação corporal dentro do universo do vôlei.

Diversas vezes tive meu rendimento em quadra afetado por conta de comentários sem noção, que apesar de irrelevantes me deixam mal de certa forma (ATENA).

Geralmente ao entrar na quadra somos "recepcionadas" por um grupo numeroso de homens, isso gera em mim uma sensação de julgamento e desconforto ao ouvir diversas palavras obscenas (DEMÉTER).

Um fator decisivo são as roupas que usamos para jogar, que geralmente é composta por um short curto e a blusa, em diversos momentos os meninos veem o nosso corpo apenas como atração, e já ouvi diversas vezes assobios e piadinhas (ÁRTEMIS).

Muitas vezes quando está muito quente a gente escolhe usar roupas mais frescas, e acabamos sendo vistas como uma atração (HERA).

Ao analisarmos as falas das participantes, percebemos o impacto direto do assédio verbal na realidade das atletas, que mostram através de suas falas o quanto os comentários misóginos que recebem dentro dos jogos as desmotivam e as causam um sentimento de invalidação e desconforto.

Partindo dessa perspectiva, a sexualização do corpo feminino se configura como uma prática recorrente dentro dos esportes e desencadeia a objetificação corporal da mulher por parte dos homens, o que faz com que as mulheres se sintam julgadas não pelo seu desenvolvimento esportivo, mas pelas roupas que estão vestindo e por sua estrutura corporal, sendo totalmente invalidadas como atletas.

Goellner (2010) aponta que os corpos são educados para adotarem determinadas tipificações comportamentais e físicas. Desse modo, as mulheres são envolvidas por um processo de silenciamento e restrição, e os homens são encorajados a adotarem posturas agressivas e viris. Esse processo também é perceptível nos resultados encontrados neste trabalho, em que Ártemis e Hera destacam que a utilização de determinadas roupas pode “aflorar” o comportamento hostil dos homens. Nesse sentido, as próprias mulheres atribuem a si mesmas uma determinada culpabilidade pelo comportamento machista e misógino dos homens. Essa dinâmica é incorporada pelas mulheres a partir de uma construção social que evidencia os homens como sujeitos detentores de poder e as mulheres como objetos dentro do tempo/espaço (GOELLNER, 2021)

Ao longo das entrevistas, foi possível visualizar como as participantes são extremamente desvalorizadas no âmbito esportivo e social. Desse modo, apesar de esse cenário de objetificação corporal das mulheres ser recorrente, essa vertente se faz presente constantemente através do preconceito enraizado, denominando as mulheres como “frágeis, fracas e incapazes”, gerando, assim, um desestímulo das mulheres para enfrentar todas as adversidades do âmbito esportivo.

O quinto questionamento desta categoria buscou compreender, a partir da percepção das participantes, os impactos do tensionamento que elas sofrem ao se inserirem nesse campo

Acaba me acarretando um desânimo por estar dando o meu máximo e não estar sendo levada a sério (ATENA).

Me sinto muito desvalorizada, pois estou me esforçando e não recebo o devido valor, antes de analisarem minha forma de jogo sou vista pela minha forma física e estética (DEMÉTER).

Isso afeta diferentemente meu desenvolvimento ao longo dos jogos, gerando uma desmotivação (ÁRTEMIS).

Me sinto muito abalada ao jogar, pois me desperta um certo receio (HERA).

De acordo com os resultados apresentados, vemos que todas as entrevistadas se mostram exaustas psicologicamente. Nessa perspectiva, é notório como as situações apresentadas interferem diretamente no bem-estar psicológico das participantes, afetando o seu rendimento físico, o que contribui, assim, para o desenvolvimento de um desestímulo das atletas, fato que torna ainda mais desafiadora sua permanência na modalidade.

Outro ponto relevante para analisar-se nos resultados é a forma como o desprezo masculino está tão presente e ao mesmo tempo é tão prejudicial para todas as integrantes do time. Nesse contexto, torna-se nítida a influência negativa desse fator no desenvolvimento das atletas, em que muitas vezes tem suas habilidades subestimadas por atletas homens.

Considerações finais

Este estudo objetivou compreender as percepções das mulheres sobre sua participação na prática do voleibol no município de Campos Sales/CE. As equipes de voleibol de Campos Sales/CE facilitam a inserção de atletas, uma vez que não possuem critérios específicos para a inserção. Todavia, esse campo é afetado por uma hierarquização de gênero que evidencia os homens enquanto sujeitos superiores às mulheres, gerando desmotivação às mulheres inseridas nas equipes. Também é apontada a ideia de fragilidade feminina, em que se direciona uma tipificação comportamental e física baseada na força, agressividade e virilidade, ao qual, em uma perspectiva machista e misógina, as mulheres não podem alcançar.

Evidencia-se que existem diversos desafios enfrentados pelas mulheres no campo do voleibol no universo investigado, como: (i) objetificação corporal feminina, (ii) desvalorização das capacidades técnicas e táticas de jogo, (iii) silenciamento das mulheres, em que seus discursos não são considerados e (iv) as mulheres são alvo de constantes brincadeiras que desvalorizam sua capacidade atlética. Esses processos levam as mulheres a desenvolverem uma incorporação social que as colocam como culpadas pelo fato de serem compreendidas como um objeto neste campo. Esse fato é evidenciado quando elas falam que quando usam determinadas roupas, os homens apresentam comportamentos machistas e misóginos ligados à sexualização e objetificação corporal. Desse modo, elas acabam se culpabilizando por isso, todavia, essa culpabilidade é fruto de um constructo social que direciona as mulheres para que sejam recatadas e restrinjam seus movimentos.

Este estudo pode contribuir para reflexões sobre as diversas questões sociais que envolvem a construção do “ser mulher atleta”, em que são constantemente oprimidas pelo preconceito enraizado na sociedade, o que dificulta a inserção e a permanência das mulheres dentro dos esportes. Partindo desse pressuposto, em muitas esferas da sociedade elas se sentem fragilizadas, porém, quando o empoderamento feminino toma força e ganha espaço para demonstrar as problemáticas causadas pela discriminação generalizada das mulheres como inferiores, elas podem apresentar suas vozes e percepções.

À vista disso, ressalta-se a necessidade de uma mudança dentro do campo social, compreendendo as mulheres como detentoras de percepções e subjetividades particulares que devem ser evidenciadas e respeitadas nos distintos campos sociais. Desse modo, deve haver uma luta diária por mudanças efetivas a fim de promover um futuro mais equitativo e inclusivo no esporte e demais campos sociais.

Referências

ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2889>

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP0630A> Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto Lei Federal 3.199 de Abril de 1941**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 25 jul. 2024.

CAMPOS, Livia Tavares da Silva; VIGÁRIO, Patrícia dos Santos; LÜRDOF, Sílvia Maria Agatti. Fatores motivacionais de jovens atletas de vôlei. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, p. 303-317, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000200003>

COLLINS, Tony. The invention of sporting tradition: National myths, imperial pasts and the origins of Australian rules football. In: WAGG, Stephen (Org.). **Myths and Milestones in the History of Sport**. London: Palgrave Macmillan UK, 2011. p. 8-31.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016. p. 1.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento. **Movimento**, v. 25, p. e25032, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.82941>.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do centro de pesquisa e formação**, v. 13, p. 99-112, 2021. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/corpos-generos-e-sexualidades-em-defesa-do-direito-das-mulheres-ao-esporte/> Acesso em: 25 jul. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984> Acesso em: 25 jul. 2024.

LIMA, George Almeida *et al.* Relações de gênero no karatê: uma revisão integrativa. **Pensar a Prática**, v. 27, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v27.79071>

LIMA, George Almeida *et al.* “Isso não vai tirar a feminilidade dela de forma alguma”: percepções de jovens mulheres sobre as relações de gênero na capoeira. **Conexões**, v. 21, p. e023034-e023034, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674393>

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um Programa de Pós-graduação em Educação. **Revista Percurso**, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49548>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MOLINA NETO, Vicente. Menos educação física, menos formação humana, menos educação integral. **Movimento**, v. 29, p. e29001, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.125819>

MOURA, Diego Luz. **Pesquisa qualitativa: um guia prático para pesquisadores iniciantes**. Editora CRV, 2021.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.11777>

ROTH, Amanda; BASOW, Susan A. Femininity, sports, and feminism: Developing a theory of physical liberation. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 28, n. 3, p. 245-265, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1177/0193723504266990>

ROMARIZ, Sandra Bellas; VOTRE, Sebastião Josué; MOURÃO, Ludmila. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, p. 219-237, 2012. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.32657>

SCHWARTZ, Gisele Maria *et al.* Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 38, p. 156-162, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.007>

TARGINO, Kayssa Brunielly Braga de Souza; LIMA, George Almeida; MOURA, Diego Luz. A percepção de professoras experientes sobre o ensino de dança nas aulas de educação física. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 6, p. e13140-e13140, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v6.e13140>

YOUNG, Iris Marion. Throwing like a girl: A phenomenology of feminine body compartment motility and spatiality. **Human studies**, v. 3, n. 1, p. 137-156, 1980. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02331805> Acesso em: 25 jul. 2024.

WALKER, Nefertiti A.; BOPP, Trevor. The underrepresentation of women in the male-dominated sport workplace: Perspectives of female coaches. **Journal of Workplace Rights**, v. 15, n. 1, 2011. DOI: <https://doi.org/10.2190/wr.15.1.d>

Contribuições da autoria

George Almeida Lima: Metodologia, supervisão/orientação, redação.

Júlia Távora Ferreira: Organização, interpretação, análise de dados e redação.

Mari Anne Beatriz Alencar Gomes: Organização, interpretação, análise de dados e redação.

Wanessa de Souza Barreto: Conceitualização, organização e investigação.

Maria Eduarda Honorato Figueiredo: Conceitualização, organização e investigação.

Láís Vitória de Souza: Conceitualização, organização e investigação.

Letícia Alves Vieira: Conceitualização, organização e investigação.

Maria Isabella Pereira de Sousa: Organização, interpretação, análise de dados e redação.

Data de submissão: 26/08/2024

Data de aceite: 03/10/2024